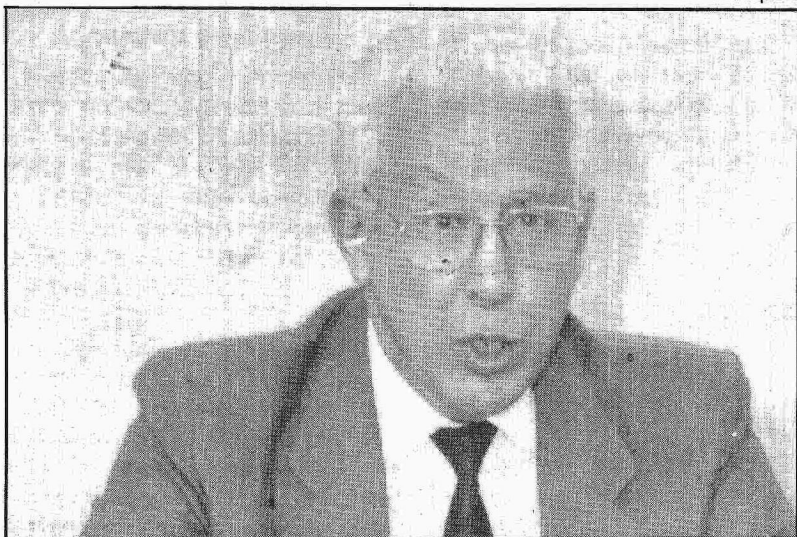




Newton Rossi, da Federação do Comércio, prega o acordo

Empresário defende setorização

70

FÁBIO OLIVEIRA

Os empresários se mostram os maiores interessados na possibilidade de optar entre abrir ou não suas lojas durante as 24 horas. Uma das defesas desta idéia é no sentido de que a indústria e algumas atividades — como postos de combustível, bares e restaurantes, entre outras — podem funcionar o dia inteiro. Eles descartam a possibilidade de exploração dos trabalhadores, fato que causa receio entre a categoria.

De acordo com o presidente da Federação do Comércio de Brasília, empresário Newton Rossi, o projeto é interessante, “desde que haja um acordo entre as partes”. Ele defende a tese de que o funcionário não deve ir forçado para o trabalho, pois considera o comércio 24 horas uma confraternização, uma alegria entre todos os envolvidos. Além disso, Rossi é favorável à setorização do comércio 24 horas, como os exemplos de Curitiba e Buenos Aires, onde há ruas específicas com as lojas abertas o dia inteiro.

Outro empresário que apóia a medida é o presidente do sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques. Segundo ele, o mais importante é lembrar que o lojista tem a liberdade de funcionar ou não fora do expediente normal. “Quem não tiver interesse, não abre a loja”, concluiu. Marques avalia que

maior sucesso são os shopping centers, as entrequadras tradicionais da cidade e as áreas comerciais das satélites.

Potencial — O presidente do Sindivarejista acredita que em Brasília há um mercado com potencial para que as lojas funcionem até mais tarde. Ele aposta que com a abertura do comércio a venda de impulso seria um grande sucesso. Este tipo de venda é aquele em que o consumidor sai de casa para passear, mas acaba entrando numa loja e fazendo uma compra por ter sido atraído por algum produto. “Muita gente acaba não fazendo compras por falta de tempo”, disse, lembrando que a abertura fora dos horários atuais ajudaria até o comprador, que teria mais tempo para fazer pesquisa de preços.

O administrador de um dos principais centros de consumo de Brasília, o Conjunto Nacional, José Raimundo Pires, indaga: “por que a indústria pode funcionar quando quiser e o comércio não?”. Ele descarta a exploração dos funcionários, lembrando que existe a Delegacia Regional do Trabalho e o sindicato dos patrões para fiscalizar os maus empresários. Pires não crê num mercado tão dinâmico na cidade, mas aposta que pelo menos até a meia-noite muitas lojas vão conseguir boas vendas nos finais de